

Rodrigo Lacerda: estilos que se fundem entre a vida e os livros traduzidos

Rodrigo Lacerda: styles that merge between life and books translated

Marcilene Moreira Donadoni¹

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-graduação em Letras, Três Lagoas, MS, Brasil.

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso Sul, Campus de Três Lagoas – UFMS/CPTL. Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil.

 <http://orcid.org/0000-0001-7079-6727>

E-mail: marcilenemdonadoni@hotmail.com

RESUMO

Na trajetória para se consagrarem escritores, vários autores se enveredam por diferentes caminhos artísticos. Assim, conforme seus nomes ganham destaque na mídia, suas obras começam a sair das últimas prateleiras empoeiradas das pequenas livrarias. Neste artigo, nos interessa apresentar o trabalho de Rodrigo Lacerda, conceituado e premiado escritor de literatura brasileira, por meio de sua relação com a atividade de tradução e adaptação. O objetivo é mostrar a relação entre a obra literária autoral de Lacerda e suas obras de tradução e adaptação de literatura de língua inglesa. Para tanto, propomos refletir sua habilidade com a arte da tradução e da adaptação de romances como *O médico e o monstro* (1992), de Robert Louis Stevenson; *A nuvem da morte* (1993), de Arthur Conan Doyle; *Coleção Movimentos da Arte*, com o título *Expressionismo* (2002), de Shulamith Behr; *Poemas* (2006), de Raymond Carver e *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry (2015). Ancorados nos estudos de Candido (2006), Kristeva (2005) e Perrone-Moisés (1998) no que concerne à arte literária, demonstraremos que, com leveza e suavidade, o tradutor propõe resgatar o leitor juvenil que desconhece os clássicos literários, especialmente com a publicação de seu romance *Hamlet ou Amleto? Shakespeare para jovens curiosos e adultos preguiçosos* (2015).

Palavras-chave: Literatura universal. Escritor-tradutor. Rodrigo Lacerda.

ABSTRACT

Along their trajectories to consecrate themselves writers, authors embark on different artistic paths. Thereby, as their names become prominent in the media, their works begin to emerge from the last dusty shelves of small bookstores. However, here we are interested in presenting the work of Rodrigo Lacerda, a renowned and award-winning Brazilian literary writer, through his relation with the activities of translation and adaptation. The aim is to show the relation between Lacerda's literary work and his translation and adaptation work of literature in English. Therefore, we propose to reflect on his ability with the translation and adaptation of novels such as *Doctor Jekyll and Mr Hyde* (1992), by Robert Louis Stevenson; *Death Cloud* (1993), by Arthur Conan Doyle; *Expressionism* (2002), by Shulamith Behr, from the series *Movements in Modern Art*; *Poems* (2006) by Raymond Carver; and *Le petit Prince*, by Antoine de Saint-Exupéry (2015). Based on studies by Candido (2006), Kristeva (2005) and Perrone-Moisés (1998) in what concerns literary art, we shall demonstrate that the translator proposes to skillfully rescue the youthful reader who is not acquainted with the literary classics, especially by the publication of his novel *Hamlet or Amleto? Shakespeare para jovens curiosos e adultos preguiçosos* (2015).

Keywords: World literature. Writers and translators. Rodrigo Lacerda.



Introdução

No atual cenário da literatura brasileira contemporânea, produzir, ou melhor, escrever variados textos tornou-se uma tarefa comum. Denomina-se “escritor” aquele que publica e/ou divulga seus materiais nas mídias virtuais. Desse modo, o leitor anseia, arduamente, por conquistar o *status* de escritor, mesmo antes de se configurar como um leitor literário ou um leitor crítico.

Coube aos mestres deste tempo, assim também como já coube aos de outrora, resgatar os textos empurrados para debaixo do tapete, guardados na gaveta ou trancafiados no baú empoeirado. Não pretendemos afirmar que esses textos estão mortos, pois eles continuam sendo lidos, no entanto, mais pelos acadêmicos e menos pela sociedade.

Com intuito de alterar essa concepção de uma sociedade não leitora, entra em cena o escritor-professor, aquele que, antes de compartilhar seus textos, os filtra – a partir de um amplo horizonte de leitura de textos literários, de vários períodos e nacionalidades; ou devido à formação acadêmica especializada, como o curso de Letras, por meio do estudo de correntes e estruturas críticas – e, antes de qualquer publicação, realiza sistemáticas revisões, seja por meio de seu próprio olhar ou o de outros críticos e editores.

Podemos incluir o escritor Rodrigo Lacerda na categoria de escritor-professor, uma vez que, ao escrever, inclui em suas obras recortes de outros textos lidos e explorados por ele, transportando para a diegese autores e obras que enriquecem a busca pelo conhecimento.

O fazedor de velhos, por exemplo, destaca-se pela presença de trechos recortados por Lacerda. Observamos os poemas *I-Juca-Pirama*, de Gonçalves Dias (1823-1824); *O Monstrengo*, de Fernando Pessoa (1888-1935); *Para Tess*, de Raymond Carver (1938-1988); e fragmentos dos romances *Os Maias*,

de Eça de Queirós (1864-1900); *O Guarani*, de José de Alencar (1829-1877); assim como das peças *Hamlet* e *Rei Lear*, de Shakespeare (1564-1616).

Como nos poemas, Lacerda retira fragmentos do romance e os insere em sua narrativa, destacando-os com a marcação gráfica em *itálico*. O narrador realiza uma leitura do romance queiroziano preenchendo possíveis lacunas deixadas pela fragmentação, especialmente ao tecer comentários explicativos, que explicitam a leitura que o narrador-protagonista faz da referência literária:

Depois, pela escada acima, duas penas negras de galo ondearam, um manto escarlate esvoaçou – e o Ega estava diante de Carlos, caracterizado, vestido de Mefistófeles!

Carlos apenas pôde dizer: “Bravo” – o aspecto do Ega emudeceu-o. Apesar dos toques de caracterização que quase o mascaravam – sobranceiras de Diabo, guias de bigode ferozmente exageradas – sentia-se bem a aflição em que vinha, com os olhos injetados, perdido, numa terrível palidez (LACERDA, 2008, p. 12 – grifo do autor).

Lacerda recorta fragmentos referenciais da peça *Rei Lear* para compor outro universo presente em sua narrativa, assim como realizado diante da poesia e da prosa. São fragmentos entrecortados por comentários e explicações do narrador-protagonista:

Esta é a grande tolice do mundo, a de que quando vai mal nossa fortuna – muitas vezes como resultado de nosso próprio comportamento – culpamos pelos nossos desastres o sol, a lua e as estrelas, como se fôssemos vilões por necessidades, tolos por compulsão celeste, safados, bêbados, mentirosos e adúlteros por obediência forçada a influências planetárias; e tudo aquilo em que somos maus, por impacto divino (LACERDA, 2008, p. 62, grifo do autor).

Assim como o romance *O Guarani*, de José de Alencar, que integra as produções do período indianista e histórico do autor – em que o índio é retratado em meio a uma natureza exótica e deslumbrante como um ser

bondoso, valente e puro, “É o *Paquequer: saltando de cascata em cascata, enrolando-se como uma serpente vai depois se espreguiçar na várzea e embeber no Paraíba, que rola majestosamente em vasto leito*” (LACERDA, 2008, p. 79).

Rodrigo Lacerda nasceu em 23 de março de 1969, na zona sul do Rio de Janeiro, onde morou até a adolescência. O avô paterno, Carlos Lacerda, foi jornalista, governador do antigo Estado da Guanabara e criador da editora Nova Fronteira; pelo lado materno, é neto de Flexa Ribeiro, historiador da arte e educador que fundou um colégio, ainda hoje sob os cuidados da família.

Filho de Sebastião Lacerda, fundador da editora Nova Aguilar, passou toda a infância rodeado por livros. A mãe, Vera Maria Flexa Ribeiro, lia poemas aos filhos (Rodrigo e a irmã, Maria Isabel Lacerda); poetas como Gonçalves Dias, Drummond, Fernando Pessoa marcaram sua infância. Por meio do pai, inicia seu contato com a prosa e com o mundo editorial.

Segundo Lacerda, o meio familiar não o teria influenciado a seguir a carreira literária; porém, como não se inspirar diante de uma família com tamanha formação cultural e intelectual? Mesmo que implicitamente, existiriam reflexos das referências familiares em algum ponto da vida ou da obra, do homem e do escritor.

Aos 16 anos, começou a trabalhar na editora do pai como assistente de pesquisa de um velho professor, Antônio Carlos do Amaral Azevedo, que lecionara a seus pais no ginásio – e cujo projeto era escrever o dicionário *Nomes, termos e instituições históricas*, lançado em 1990 pela editora Nova Fronteira.

Quando criança, considerava o universo dos escritores um mundo à parte, inalcançável, formado por gigantes ou pessoas superdotadas que vagam por aí. No momento em que passa a frequentar “a cozinha”

da editora, para revisar o dicionário, estabelece contato com editores e escritores; para ele, essa proximidade “humaniza a figura do escritor” e o faz perder o medo – primeiro passo para arriscar-se e escrever seus primeiros poemas e o primeiro capítulo de um romance que não levou adiante.

Por falta de melhor opção e por necessidade de obter cultura geral, segundo ele próprio, ingressa no curso de História na Pontifícia Universidade Católica (PUC/RJ) em 1987. Em 1991, muda-se para São Paulo e transfere-se para a Universidade de São Paulo (USP). Ao concluir a graduação, inicia o mestrado, também na área de História. No entanto, ao se descobrir como escritor, abandona o curso e ingressa, na mesma instituição, no mestrado em Letras. Em 2005, defende o doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada com a tese *João Antônio: uma biografia literária*.

Lacerda trabalhou como assistente editorial na Editora Nova Aguilar, em 1989; no ano seguinte, na Nova Fronteira, atuou como gerente editorial. Com a mudança para São Paulo, passou a coordenar uma linha de coedições entre a Nova Fronteira e a Edusp, editora em que atuou na condição de editor assistente. Trabalhou, também, como assessor político no governo de Mario Covas no estado de São Paulo.

Em 2000, trabalhou na Cosac Naify, editora em que ajudou a definir políticas editoriais na área de literatura brasileira, coordenando a reedição das obras do escritor João Antônio. Na editora Mameluco Produções e Duetto, editou a coleção “Deuses da Mitologia”.

Biólogo e chargista frustrado, atualmente, em relação à carreira, Rodrigo Lacerda se define como escritor, professor, tradutor e editor; para completar sua trajetória profissional, atua, ainda, como crítico literário – atividades que, nem sempre, se harmonizaram facilmente, conforme declarou em entrevista a Wilame Prado, publicada no *Diário de Maringá* em 14 de agosto de 2013:

Já houve um tempo em que eu tinha uma relação de amor e ódio com outras atividades além da literária, sobretudo com minha atividade como editor... Vivo do que ganho como editor, e, portanto, essa é minha atividade cotidiana, mais regular que a literatura até. Trabalho na editora Zahar, onde encontrei o ambiente de trabalho ideal, cheio de amizade, transparência, respeito e admiração mútua. Custou, mas encontrei uma editora onde estou totalmente feliz... só na Zahar a química foi perfeita (LACERDA, 2013b).

Para Rodrigo Lacerda, os fatores determinantes da decisão de se tornar um escritor não foram o fato de ter nascido em um meio familiar e cultural literário ou de ter trabalhado em editoras. Como declarou o escritor, a Prado: “[...] os elementos determinantes, que realmente plantaram em mim, lá pelos 13/14 anos, o desejo de ser escritor, foram: 1) a timidez e a dificuldade de arrumar uma namorada; 2) o medo de morrer e não deixar nada para trás [...]” (LACERDA, 2013b). Ele revelou, ainda, como alguns escritores transformaram sua vida:

Mas às vezes certos escritores te pegam num momento da vida em que a obra deles realmente transforma sua percepção da vida, sua visão de mundo. Não só pelo mérito literário deles, mas por um momento de vida seu. É uma conjunção cósmica, quase. E nesse plano, realmente, Eça, João Ubaldo, Shakespeare e Faulkner são, para mim, os escritores fundamentais. Eça e João Ubaldo me ensinaram a rir da minha desgraça, o Shakespeare, a lutar para sair da condição de desgraçado, e o Faulkner me ensinou que todo mundo é irremediavelmente desgraçado, o que não resolveu meu problema, mas me deu a sensação de não estar sozinho, o que já foi um adiantamento considerável (LACERDA, 2013b).

Outro elemento fundamental para compreender a vida e a obra de Lacerda é a música clássica, especialmente a ópera. Na infância, um de seus passatempos culturais era frequentar a ópera com o pai; nomes

como Verdi, Bach, Beethoven e Mozart povoam sua intimidade e, segundo o escritor¹:

Quando eu era criança eu tinha um pouco de espanto [...] exacerbação emocional naquele volume, logo ele (o pai) começou a levar a mim e minha irmã às óperas no teatro, eu vi uma Tosca [...] uma Traviata, que a direção era do Franco Zeffirelli com lances cênicos [...] (LACERDA, 2014).

Logo, esses elementos estão presentes como pano de fundo durante seu processo de escrita, o que, talvez, motive tais presenças em suas narrativas.

1 Busca ou negação de um estilo? As obras comentadas de Lacerda

Atualmente, Lacerda possui sete romances publicados: *O mistério do leão rampante* (1995); *A dinâmica das larvas* (1996); *Vista do rio* (2004); *O fazedor de velhos* (2008); *Outra vida* (2009); *A república das abelhas* (2013) e *Hamlet ou Amleto* (2015). Como contista, publicou os livros *Fábulas para o ano 2000* (1998), *Tripé* (1999) e contos em revistas e jornais – *Política* (2011) e *Estante nova* (2004). Lacerda também se aventurou no gênero poético, com *A fantástica arte de conviver com animais* (2005).

O escritor participa das seguintes antologias: *A paixão pelos livros* (Casa da Palavra, 2004); *Os cem menores contos brasileiros do século*, organizada por Marcelino Freire (Ateliê Editorial, 2004); *Ficções: geração linguagem* (Editora Lazuli, 2004); *Aquela canção: 12 contos para 12 músicas* (Editora Publifolha, 2005); *Rio literário: um guia apaixonado da cidade do Rio de Janeiro*, organizada por Beatriz Rezende (Casa da Palavra, 2005); e *35*

¹ LACERDA, Rodrigo. Uma conversa entre o autor e Manuel da Costa Pinto sobre sua obra e seu gosto musical representado aqui em peças de Verdi, Beethoven e Bach. Entrevista a Manuel da Costa Pinto. *Rádio Cultura FM*, 26 jun. 2012. Disponível em: <http://culturafm.cmais.com.br/entrelinhas-fm/rodrigo-lacerda>. Acesso em: 16 out. 2014.

segredos para chegar a lugar nenhum: literatura de baixo-ajuda, organizada por Ivana Arruda Leite (Editora Bertrand Brasil, 2006).

Rodrigo Lacerda se destaca por destoar do cenário da literatura brasileira de 1990 (cuja temática se volta para questões da violência urbana), ao utilizar temas como uma trama burlesca transcorrida na Inglaterra do século XXII, um tom de farsa para abordar o mercado editorial brasileiro e ao oferecer uma dolorosa reflexão sobre vidas que descarrilham, surpreendendo o leitor.

Segundo Antonio Candido, um escritor:

[...] numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores. A matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público (CANDIDO, 2006, p. 83-84).

Candido descreve a relevância do papel social de um escritor, reconhecimento que concedemos a Lacerda por proporcionar ao seu público uma empatia e permitir que esse se visse, de certa forma, representado em uma literatura tão bem elaborada e diversificada. Sem se engessar em um estilo, surpreendendo com o conteúdo e a forma de suas obras, inovando em cada livro, pois para Lacerda “[...] tem escritores, que acho que é o meu caso, que a cada livro têm que se reinventar de novo como narrador[...].” (LACERDA, 2010)².

² LACERDA, Rodrigo. Jogos de Ideias Entrevista a Claudinei Ferreira. 6. ed. Fórum de Letras. Ouro Preto-MG, nov. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j-FpBEqlwrM>. Acesso em: 14 ago. 2014.

A obra *Hamlet ou Amleto? Shakespeare para jovens curiosos e adultos preguiçosos* (Editora Zahar, 295 páginas) não deve ser considerada uma simples adaptação: é destacada, pelos críticos, como um guia para ler e compreender Hamlet. Lacerda apresenta o original de Shakespeare comentando e analisando cada cena da peça, intercalando e explicando, por intermédio de seu narrador, os diálogos e os atos das personagens em uma linguagem contemporânea:

Imagine agora, meu caro príncipe aflito, que você assistiu na Dinamarca, de um ponto de vista privilegiado, o clímax do processo de centralização política, que fez de reis relativos reis absolutos. Ele aconteceu durante o longo e vitorioso reinado de ninguém menos que o seu pai. Sim, *daddy*, o velho Hamlet, que é também o seu nome (LACERDA, 2015, p. 13).

O autor pontua a narrativa com comentários engraçados ou irônicos, tornando a leitura leve e chamando a atenção do leitor para passagens e personagens consideradas de pouca importância, mas que se tornaram populares:

Por instantes, seus companheiros ficam em silêncio, assistindo você desaparecer por entre o redemoinho gelado no qual se fundem o vapor das ondas, o nevoeiro e as fumaças infernais. Em seguida, temendo pela sua integridade física e mental, decidem segui-lo a distância. Marcelo, um personagem pra lá de secundário, como quem não quer nada solta uma frase que é das mais famosas da literatura inglesa, talvez da literatura universal: “Há algo de podre no reino da Dinamarca” (LACERDA, 2015, p. 52-53).

Lacerda elabora como complemento para o romance um apêndice com três breves textos intitulados “Hamlets que eu li”, “Hamlets que eu vi” e “Elogios, críticas, paródias e anedotas sobre Hamlet”, nos quais explica e comenta Hamlet a partir de sua formação como leitor e acadêmico. Seu

objetivo é se aproximar desse leitor “preguiçoso” a partir de um diálogo envolvente e apaixonante sobre o universo literário.

A quarta capa do livro é composta por um texto de Luís Fernando Verissimo que, após destacar a dificuldade de ler os dramas shakespearianos em seu idioma original, comenta o trabalho de Lacerda: “o que o Rodrigo fez não foi Shakespeare para os simples, foi ajudar a vencer os obstáculos e ir direto ao inesquecível, o fantástico e o poético. *Hamlet* depurado, um atalho para o encantamento” (LACERDA, 2015, quarta capa).

Em várias entrevistas, Lacerda comenta sobre a dificuldade de ler Shakespeare no original em sua adolescência. Desse modo, a frustração do jovem Rodrigo – compartilhada pelos leitores juvenis ou adultos dos dramas em português – pôde ser, finalmente, superada com esse novo texto. Já formado como um leitor literário, o autor divide sua angústia, transformando-a em um guia para aqueles que também desistiram várias vezes de ler a obra shakespeariana. O título é, também, bastante sugestivo – *Hamlet ou Amleto? Shakespeare para jovens curiosos e adultos preguiçosos* – quando confrontado com as declarações de Lacerda em que se rotula como um preguiçoso em relação ao ato de ler.

Em nota editorial de 4 de outubro de 2014, a *Folha de S. Paulo* anuncia que *Hamlet ou Amleto?* seria lançado em 2015, trazendo o nome completo do romance, do autor e uma pequena explicação sobre o tema da narrativa. A livraria da Folha fez uma divulgação do livro em 4 de março de 2015, com explicações e trechos da obra. Nessas chamadas, não percebemos críticas em relação à narrativa.

“Decifrando o Shakespeare para a geração pós-moderna”³; com esse título, Jorge Luiz Calife, em 23 de fevereiro de 2015, publica no *Diário do*

³ CALIFE, Jorge Luiz. Decifrando o Shakespeare para a geração pós-moderna Disponível em: <https://diariodovale.com.br/tempo-real/decifrando-o-shakespeare-para-a-geracao-pos-moderna/>. Acesso em: 30 dez. 2018.

Vale matéria na qual sintetiza a narrativa, realiza uma crítica e comenta sobre a importância dos dramas shakespearianos: “O resultado é um livro fascinante e divertido, mesmo para aqueles pobres mortais que nunca ouviram falar nesse tal de Shakespeare”.

Em 8 de março de 2015, Sandro Moser⁴ publica matéria na *Gazeta do Povo* contendo trechos de uma entrevista com Lacerda; o jornalista ressalta a importância de Shakespeare para a literatura universal – citando a frase do escritor japonês Haruki Murakami: “Não ter lido Hamlet ao longo da vida é como tê-la passado no fundo de uma mina de carvão” – e explica que, se a frase for verdadeira, cria-se um problema, pois vários leitores não leram o dramaturgo. Problema que Moser acredita, assim como nós, que pode ser resolvido com o livro/guia de Lacerda.

2 Dividindo o pão literário: o débito com os mestres da literatura estrangeira

Perrone-Moisés (1998, p. 168) ao comentar acerca da importância em conhecer a literatura universal em suas respectivas línguas, especialmente para os escritores e críticos da modernidade, destaca que “[...] só se pode falar de literatura quando se conhece o maior número possível de suas manifestações, de preferência na língua original; e, para suprir as falhas de conhecimento, todos valorizam e praticam a tradução”.

A afirmação de Perrone-Moisés, auxilia-nos a perceber uma faceta importante da carreira de Rodrigo Lacerda. Já destacamos, aqui, sua frustração com as obras de Shakespeare no original, assim como sua persistência para compreendê-las. Antes do escritor se lapidar como um

⁴ MOSER, Sandro. Lacerda faz um guia de leitura sobre Hamlet. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/lacerda-faz-um-guia-de-leitura-sobrehamlet-4o0yqucfk7my19zdfl0u92iep/>. Acesso em: 30 dez. 2018.

crítico literário, se tornando membro de várias comissões de premiações literárias, deparamo-nos com um Lacerda leitor-tradutor:

O tradutor nasceu antes, quando traduzi *The Strange Case of Dr. Jeckyll & Mr. Hyde*, também conhecido como *O médico e o monstro*. Comecei a traduzir por acaso, porque ganhei uma edição tão bonita, com gravuras, um prefácio da escritora Joyce Carol Oates, que resolvi tentar. Hoje não gosto da tradução e não permito que ela seja republicada, mas foi meu primeiro trabalho literário (LACERDA, 2015, p. 3).

Lacerda traduziu *O médico e o monstro* (1992), de Robert Louis Stevenson; *A nuvem da morte* (1993), de Arthur Conan Doyle; *Coleção Movimentos da Arte*, com o título *Expressionismo* (2002), de Shulamith Behr; *Poemas* (2006), de Raymond Carver; e *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry (2015). De outras traduções não encontramos as datas de publicação: *Salomé*, de Oscar Wilde; *Sarajevo*, de Sandra Cisneros; *A mágica dos quadrinhos*, de John Updike; *A menina que batizou um planeta*, de Marc MacCutcheon.

Quadro 1 – Traduções de Rodrigo Lacerda

Nº	Autor	Texto	Data	Categoria	Publicação	Cidade	Estado
1	---	O Médico e o Monstro	9 agosto, 1992	Resumo	<i>Folha de S. Paulo</i>	São Paulo	SP
2	---	O Médico e o Monstro	2 agosto, 1992	Resumo	<i>Folha de S. Paulo</i>	São Paulo	SP
3	---	O Médico e o Monstro	26 julho, 1992	Resumo	<i>Folha de S. Paulo</i>	São Paulo	SP
4	Bia Abramo	Steven desperta o monstro: “O Médico e o Monstro”, clássico do autor escocês em 1886, ganha uma nova tradução	19 julho, 1992	Reportagem	<i>Folha de S. Paulo</i>	São Paulo	SP
5	Milton Hatoum	Palmeiras Selvagens	12 junho, 2005	Reportagem	<i>Folha de S. Paulo</i>	São Paulo	SP
6	Joca Reiners Terron	Ficção recria glória e declínio de Scott Fitzgerald (Os desencantados)	6 maio, 2006	Reportagem	<i>Folha de S. Paulo</i>	São Paulo	SP
7	---	Os Dez +: O Conde de Monte...	21 dezembro, 2008	Resumo	<i>Folha de S. Paulo</i>	São Paulo	SP
8	Antonio Gonçalves Filho	O clássico, o épico e a vanguarda num pacote (<i>O Conde de Monte Cristo</i>)	22 dezembro, 2008	Reportagem	<i>O Estado de S. Paulo</i>	São Paulo	SP
9	Eduardo Simões	A roupa nova do Conde	10 janeiro, 2009	Entrevista	<i>Folha de S. Paulo</i>	São Paulo	SP
10	Da Editora	Entrevista: André Telles e Rodrigo Lacerda, tradutores de “Os três mosqueteiros”	19 novembro, 2010	Entrevista	<i>Editora Zahar</i>	São Paulo	SP
11	Joca Reiners Terron	O clássico de Dumas faz parte da memória comum da humanidade	3 janeiro, 2011	Reportagem	<i>Folha de S. Paulo</i>	São Paulo	SP
12	---	O Conde de Monte Cristo	22 julho, 2012	Resumo	<i>Folha de S. Paulo</i>	São Paulo	SP
13	---	A Mulher da Gargantilha de Veludo e Outras Histórias de Terror	10 novembro, 2012	Resumo	<i>Folha de S. Paulo</i>	São Paulo	SP
14	Luiz Bras	A Mulher da Gargantilha de Veludo e Outras Histórias de Terror	15 dezembro, 2012	Resumo	<i>Folha de S. Paulo</i>	São Paulo	SP
15	Mario Bresighello	Livros!	31 maio, 2014	Resumo	<i>Folha de S. Paulo</i>	São Paulo	SP
16	Maria Fernanda Rodrigues	Livros!	30 junho, 2014	Resumo	<i>Estado de S. Paulo</i>	São Paulo	SP
17	---	O Pequeno Príncipe	26 setembro, 2015	Resumo	<i>Folha de S. Paulo</i>	São Paulo	SP
18	---	O Conde de Monte Cristo	23 janeiro, 2016	Resumo	<i>Folha de S. Paulo</i>	São Paulo	SP

Fonte: Elaborado pela autora.

As datas da publicação das traduções e sua divulgação nas mídias podem ser observadas pela catalogação que compõe o **Quadro 1** – Traduções de Rodrigo Lacerda –, por meio da qual é possível perceber a progressão do trabalho do escritor como tradutor. Em seguida, procuramos apresentar a crítica conforme a ordem cronológica disposta na **Quadro 1**.

Nos veículos de comunicação brasileiros se destacam *Palmeiras selvagens* (2003), de William Faulkner, traduzido por Lacerda e Newton Goldman, comentado na *Folha de S. Paulo* pelo escritor Milton Hatoum, em 12 de junho de 2005; *Os desencantados* (2006), de Bud Schulberg, tradução em parceria com Alípio Correia de Franca Neto e Alexandre Barbosa, comentado também na *Folha de S. Paulo*, pelo escritor Joca Reiners Terron, em 6 de maio de 2006.

No entanto, o grande sucesso como tradutor se materializa a partir de Alexandre Dumas, por meio da tradução premiada de *O conde de Monte Cristo* (2008), ganhador do Jabuti em 2009. O que o motiva a traduzir, também, *Os três mosqueteiros* e *A mulher da gargantilha de veludo e outras histórias de terror*, todos ao lado do amigo e tradutor André Telles. Em chamadas editoriais, as traduções de Lacerda receberam elogios ou foram citadas na *Folha de S. Paulo* em julho e novembro de 2012.

Em 26 de junho de 2014, na revista *Biblio*, a jornalista Bia Reis, assim, como a jornalista Maria Fernanda Rodrigues, no dia 30 do mesmo mês e ano, para o *Estado de S. Paulo*, publicam uma matéria sobre *Livros!* (2014), de Murray McCain e John Alcorn, traduzido por Lacerda em parceria com Mauro Gaspar.

Relevante ou não para a soma do seu currículo como tradutor, o que nos chama atenção para destacá-la é sua temática, o próprio livro e a literatura, a qual se consolida na produção literária de Lacerda. Diante do discurso dos escritores encontramos uma passagem que nos remete a Lacerda e à obra *O fazedor de velhos*: “Um livro é cheio de surpresas, sentimentos

e aprendizados sobre como é ficar mais velho e amar e todas as coisas realmente importantes. Você pode amar um personagem do livro, ou um gato do livro, ou uma casa do livro. Você pode até amar um livro” (MCCAIN; ALCORN, 1962).

O escritor também demonstra seu potencial de leitor-crítico, como em 2011, ao escrever um artigo para a revista *Emília* sobre o livro infanto-juvenil *Juca e Chico*, um clássico da literatura alemã escrito por Wilhelm Busch (1865), traduzido para o Brasil por Olavo Bilac em 1915. A crítica é uma via de mão dupla. No texto, Lacerda relata que o livro foi sua primeira paixão literária, compartilhada pela irmã, tece comentários explicativos a respeito da obra e recomenda sua leitura para as crianças:

Se você tem um sobrinho com quem você convive pouco, tente. Se sua nova namorada tem um filhinho que não vai com a sua cara, experimente. Se um dos seus filhos não vai com a sua cara, leia *Juca e Chico* correndo para ele. A vivência literária de todos aqueles impulsos destrutivos, num tom tão leve, certamente irá desarmar os espíritos à sua volta (LACERDA, 2011).

A Itaú Cultural, responsável pelo Prêmio Oceanos⁵ (antigo Prêmio Portugal Telecom), selecionou Selma Caetano, Noemi Jaffe e Rodrigo Lacerda para constituir o conselho de curadores em 2015. Lacerda, também, participou como membro da primeira edição do conselho da editora Grua para a escolha da temporada de “Originais”. Em 2015 o leitor-crítico retoma sua parceria com a editora Grua, participando da segunda edição, com a mesma função, ao lado de João Carrascoza e Carlos Eduardo de Magalhães.

O Lacerda leitor se consolida por anos de leitura de variados gêneros literários. Assim, os grandes mestres o auxiliam a compor seu processo

⁵ Prêmio de Literatura em Língua Portuguesa.

de escrita por meio de um refinamento apurado – realizado ao longo dos anos de sua profissão. No entanto, possivelmente insatisfeito por apenas mencioná-los em suas narrativas como prova de sua fidelidade à boa literatura, o escritor quita seu débito ao traduzi-los com uma linguagem atualizada e movimentá-los novamente no mercado literário.

Considerações finais

Escritor, tradutor, editor e leitor; assim pode ser definido Rodrigo Lacerda, cujas qualificações são, praticamente, indissociáveis em suas produções: em cada obra, percebemos a intertextualidade da literatura nacional e mundial. Como em *O fazedor de velhos*, por meio da leitura do poema “I-Juca Pirama”, realizada pela mãe do narrador “fazendo o favor de adicionar um dado novo e palpitante às agruras do protagonista. Ela disse que os índios roubavam a força e a coragem dos inimigos de uma maneira muito concreta: comendo-os”; o narrador completa e esclarece: “Não crus, assados. Mas mesmo assim...” (LACERDA, 2008, p. 8).

Nessa perspectiva, o poema “O Monstrengo”, corrobora para conduzir o leitor a um entendimento histórico. Para tanto, apresenta a informação de que a personagem D. João II se baseia numa personagem real; também se compromete a explicar as atitudes do protagonista: “Depois de ouvir a mesma pergunta várias vezes, e de responder várias vezes a mesma coisa, uma bela hora o marujo sobe nas tamancas (ele era português, afinal)” (LACERDA, 2008, p. 10).

Dentro do universo narrativo de Lacerda, suas personagens constroem um elo entre a literatura clássica e a contemporânea. A partir dessas figuras “vivas”, o texto funde-se aos textos literários, processo teoricamente reconhecido como intertextualidade; porém, se olharmos de dentro para fora, o chamaremos, apenas, de leitura.

O romance contemporâneo buscou, ao longo de sua fase de experimentação – que se intitula Moderno, Pós-Moderno, Moderníssimo, Hipermoderno e, para não arriscar, o preferimos, ainda, chamar de Contemporâneo –, aprimorar técnicas narrativas, considerando a literatura em sua essência. O ser contemporâneo carrega na veia literária as correntes críticas que seus antepassados propuseram, negando-as ou as respeitando, implícita ou explicitamente, pois conforme Julia Kristeva, a nomenclatura “intertextualidade”, categoriza de outra forma esse processo dialógico: “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 2005, p. 68).

Rodrigo Lacerda, ao se declarar um leitor dos clássicos literários, desde sua infância, impulsiona o desenvolvimento de uma crítica que não priorize o categórico acima do biográfico. Ambos, somados à importância do fazer literário, carregam em um cerne quase despercebido o valor da literatura: sua história, sua importância, sua habilidade formadora e humanizadora.

A experimentação entre confluências linguísticas e artísticas, exemplo de uma das práticas mais comuns no cenário contemporâneo literário, recua na literatura de Lacerda para conceder espaço à arte narrativa.

Rodrigo Lacerda diz-se leitor literário e nos comprova sua habilidade, enquanto leitor, por meio da voz do escritor. No percurso da crítica biográfica, percebemos que a literatura e o fazer literário são pontos fortes em seu projeto estético.

Perrone-Moisés (1998, p. 173) enfatiza que “Ao privilegiar o novo e o futuro, os escritores modernos se expõem, mais cedo ou mais tarde, à velhice e ao desaparecimento. Ao menos que disso os salvem os leitores futuros”. Ao realizar a leitura e a recepção crítica de algumas das obras de Rodrigo Lacerda, podemos inferir que há uma enorme possibilidade de o autor ser “salvo” por seus leitores, na medida em que realiza um processo constante de manutenção literária por meio da intertextualidade em suas

obras, destacando-se ao lado dos grandes representantes da literatura brasileira.

Assim, parece-nos possível compreender que se trata de um escritor que, apesar do reconhecido talento, ainda se encontra “em construção”, ou em formação. Resta-nos, portanto, acompanhar criticamente sua trajetória e verificar se o seu desempenho permitirá a sua inserção no cânone da literatura brasileira.

Referências

A MULHER da gargantilha de veludo e outras histórias de terror. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 nov. 2012.

BRASIL, Ubiratan. A saga de uma família de políticos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 nov. 2013.

CALIFE, Jorge Luiz. Decifrando o Shakespeare para a geração pós-moderna. *Diário do Vale*, [S.l.], 23 fev. 2015.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CATUCCI, Anaísa. Livro mostra dilemas nas escolhas da juventude. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 set. 2009. <https://doi.org/10.11606/d.27.2008.tde-15072009-222809>

COELHO, Marcelo. Obra faz bons retratos, mas falha em narração. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 nov. 2013.

FALCÃO, Aluízio. A paixão pelos livros. *Estado de S. Paulo*. São Paulo, 13 nov. 2004.

FIGUEIREDO, Rubens. A dinâmica das larvas aposta na farsa. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 07 set. 1996.

GIOIA, Mario. Livraria recebe lançamentos de Ramil e Lacerda. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 18 jun. 2008.

HATOUM, Milton. Palmeiras selvagens. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 12 jun. 2005.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semântica*. 2. ed. Tradução Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LACERDA, Rodrigo. *A dinâmica das larvas: uma fábula pessimista*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

LACERDA, Rodrigo. *A república das abelhas*. São Paulo: Companhia das letras, 2013a.

LACERDA, Rodrigo. Escritor Rodrigo Lacerda faz bate-papo hoje em Maringá. Entrevista a Wilame Prado. *Diário de Maringá*, Maringá, PR. 14 ago. 2013 [2013b]. Disponível em: <http://blogs.odiario.com/wilameprado/2013/08/14/escritor-rodrigo-lacerda-faz-bate-papo-hoje-em-maringa/>. Acesso: 20 out. 2014. [https://doi.org/10.17138/tgft\(2\)27-28](https://doi.org/10.17138/tgft(2)27-28)

LACERDA, Rodrigo. *Hamlet ou Amleto?: Shakespeare para jovens curiosos e adultos preguiçosos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

LACERDA, Rodrigo. Jogos de Ideias Entrevista a Claudinei Ferreira. 6. ed. *Fórum de Letras*. Ouro Preto, MG, nov. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j-FpBEqlwrM>. Acesso: 14 ago. 2014.

LACERDA, Rodrigo; MARTINS, Gustavo. *Fábulas para o ano 2000*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editora, 2000.

LACERDA, Rodrigo. *O fazedor de velhos*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LACERDA, Rodrigo. *O mistério do leão rampante*. Apresentação João Ubaldo. São Paulo: Ateliê Editora, 1995.

LACERDA, Rodrigo. *Outra vida*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LACERDA, Rodrigo. Política. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 20 nov. 2011.

LACERDA, Rodrigo. Uma conversa entre o autor e Manuel da Costa Pinto sobre sua obra e seu gosto musical representado aqui em peças de Verdi, Beethoven e Bach.

Entrevista a Manuel da Costa Pinto. *Rádio Cultura FM*. [S.l.] 26 jun. 2012. Disponível em: <http://culturafm.cmais.com.br/entrelinhas-fm/rodrigo-lacerda>. Acesso: 16 out. 2014. <https://doi.org/10.5585/dialogia.v8i1.2063>

LACERDA, Rodrigo. *Vista do rio*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

LANÇAMENTO 1. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 8 set. 1996.

LIVRARIA DA FOLHA. Em Hamlet ou Amleto?, autor comenta referências da obra de Shakespeare. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 4 mar. 2015. <https://doi.org/10.11606/d.91.2019.tde-27032019-175408>

LOPES, Claudio Fragata. Escritores jovens para jovens leitores. *Galileu*. Ed. 91, [S.l., s.d.].

MIRANDA, Wander Melo. A simetria imperfeita. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 29 fev. 2004.

MOSER, Sandro. Lacerda faz um guia de leitura sobre Hamlet. *Gazeta do Povo*, [S.l.], 8 mar. 2015.

O CONDE de Monte Cristo. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 22 jul. 2012.

PARA preguiçosos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 out. 2014.

PÉCORA, Alcir. Tensão narrativa se dissipa em sucessão de lugares comuns. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 jun. 2009.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PIRES, Francisco Quintero. A passagem do tempo é tempero para a vida. *Estado de S. Paulo*. São Paulo, 18 jun. 2008.

REIS, Bia. Amor aos livros. Revista *Biblioo*. Rio de Janeiro, 26 jun. 2014. Disponível em: <http://biblioo.info/amor-aos-livros/>. Acesso: 3 set. 2014.

RODRIGUES, Maria Fernanda. Livros! *Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 jun. 2014.

SIMÕES, Eduardo. Mesa Separações. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 maio 2009.

TERRON, Joca Reiners. Ficção recria glória e declínio de Scott Fitzgerald. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 6 maio 2006.

VILLAC, Luana. Mergulho no tempo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 jun. 2008.

Recebido em: 27/9/2018.

Aprovado em: 7/1/2019.

Publicado em: 20/6/2019.